

Transcrição da entrevista com Marina Rector

Cesar: Quando é que começa a sua história na Escola de Comunicações e Artes?

Marina: No começo. A escola na época havia sido criada pelo reitor **inaudível**. Ele chamou o professor Julio Garcia Morejón pra ser diretor da ECA e havia um cidadão que fazia as funções de secretário da faculdade, ele veio de uma faculdade de Assis, infelizmente eu não lembro o nome dele. Mas ele saiu e a minha irmã fazia parte do Departamento de Línguas Neolatinas da Faculdade de Filosofia da qual o professor Morejón fazia parte, era catedrático, e ele perguntou pra minha irmã se conhecesse alguém que entendesse um pouco de cinema, jornal, rádio televisão. Eu. E foi assim que eu vim parar na ECA, eu tinha 20 anos.

Cesar: Em que ano era isso?

MR: **Inaudível**. Eu acabei de fazer 70, então foi 50 anos atrás, bem no comecinho da escola mesmo.

César: Você **inaudível**.

MR: Não, eu até prestei o vestibular pra ECA, pra relações públicas. Mas foi o primeiro vestibular, mas aí fui convidada para ser a secretária da faculdade e havia uma incompatibilidade entre ser a secretária da faculdade e aluna. Então eu fui fazer a FAAP, eu fiz o curso de jornalismo da FAAP da última turma antes do acontecimento do Vladimir Herzog. Depois a FAAP cancelou o curso de jornalismo. Então era isso, esse foi o começo de tudo.

[Corte entre os dois vídeos.]

MR: Tinha toda aquela questão política dos anos 68. Eu me lembro que o professor Morejón havia pedido demissão e ia ser nomeado um novo diretor. Porque a escola, como se dizia, não tinha massa crítica titulada, era uma escola muito jovem, então não tinha docentes titulados. E ia ser escolhido o novo diretor que veio a ser o professor Antônio Guimarães Ferri, mas eu me lembro nitidamente que um dia os estudantes estavam na frente da porta da reitoria, começaram a subir as escadarias até o sétimo andar, onde ficava a reitoria e eu era uma menina de 20, 21 anos, e o que eu fiz? Tranquei todo mundo dentro da ECA, no espaço que a gente tinha no segundo andar, ficava ali no segundo andar e tinha aquela voltinha que era a Radio e Tv. Tranquei todo mundo e comecei a subir com os alunos também, porque eu tinha cara de aluna. Aí lá no sétimo andar, o pessoal jogando telefone, processor, tudo pela janela. E tinha o chefe, não sei se era de gabinete, ou de relações públicas, o Nelson Speers, trabalhava no gabinete, ele falou “*Marina, sai daqui, se eles descobrirem quem você é, eles te jogam pela janela também*”. Então foi uma época bastante movimentada, né.

César: Então você estava incógnita nesse processo, né?

MR: Tava.

César: E é curioso porque você tinha uma idade pra se passar por estudante.

MR: Exatamente.

Cesar: E você se relacionava com a outra parte também. Como é que era essa relação com as duas partes, com a parte diretiva e com a parte estudantil?

MR: Era muito tranquilo. Tanto que a primeira turma de alunos da ECA foram grandes amigos até hoje são grandes amigos. Porque tínhamos todos a mesma idade, fazíamos as mesmas, nas reuniões eu era sempre convidada, tinha muita festa, e a escola no começo

era muito pequena e muito unida, os professores também era extremamente unidos , então era uma coisa muito gostosa.

Cesar: Eu tenho vontade de perguntar como é a sua relação com a diretoria, você falou que era uma faculdade de jovens, com essa crítica em informação, e você também em formação dentro da sua função em que foi atribuída que é de secretária. Você peitava o pessoal?

MR: Ah peitava. Era coisa da juventude, né. Então eu me sentia assim muito imbuída das minhas obrigações, principalmente porque o então diretor Antônio Ferri estava na Guatemala, não tinha vice-diretor, e eu que respondia por aquilo. Quer dizer, 20 e poucos anos e eu tinha que peitar a turma toda, né. Nessa idade a gente enfrenta. Mas foi assim tudo muito calmo com os professores, com os alunos, não teve, da parte dos alunos e dos professores da ECA foi tranquilo. Quer dizer, era aquela insegurança de não saber se a sua sala ia ser invadida ou não, mas no demais não teve problema.

Cesar: Você narra o evento [inaudível], processos rolando. Isso era o começo de um processo recrudescimento de órgãos, de piora no processo de força nos anos de chumbo. Ficou pior?

MR: Ah ficou. Ficou porque quando terminou o mandato do professor Ferri quem foi indicado para diretor acho que foi o Manuel Nunes Dias. Ele era da Faculdade de Filosofia, do departamento de História. E o professor Nunes tinha sido militar e se relacionava bem com o pessoal do Doi-Codi e com o segundo exército, essa coisa toda. E apesar de todo mundo achar, os professores acharem naquela época que ele foi talvez o grande responsável pela prisão de alunos e professores, foi justamente o contrário porque a polícia tinha as informações, pelos seus meios ela descobria quem participava do quê, e os professore e alunos eram presos.

Eu acho que eu sou a única testemunha que sabe do esforço que o professor Nunes fazia, porque todo dia de manhã ele ia no segundo exército, conversava com todo mundo, e tirava professores e alunos lá da tortura. Alguns eles não conseguia, mas a grande maioria ele conseguiu.

Tanto que uma vez houve um caso muito interessante, havia um cidadão da segurança, na época em que tinha censura em tudo quanto é canto, da censura da reitoria, chamava Gricor, eu o sobrenome eu não lembro, eu não lembro de tudo. Aí eu também sou a única testemunha, que esse senhor Gricor sentou-se na mesa em frente ao professor Nunes e falou assim *“O senhor precisa me indicar os professores que estão me envolvidos em não sei que movimento, ou que são de uma linha mais à esquerda”*, e o professor Nunes levantou assim, ele pôs as duas mãos na cadeira e *“O senhor pode me levar preso, mas eu não vou delatar ninguém”*. Então são histórias assim que a maioria das pessoas não conhece e às vezes a gente faz o mau juízo de uma pessoa, eu estou defendendo ele aqui, realmente, porque ele sempre foi muito criticado, mas eu sei de tudo que ele fez pra ajudar.

Carolina Boros: Marina, de todas as entrevistas você foi a primeira a defender a postura do Nunes.

MR: É, eu sei!

CB: E nós temos, inclusive documentos, depoimentos, etc. Isso você acredita que é porque? Qual a sua relação com o Nunes? Era além do profissional? Era uma relação de amizade? Qual era a sua relação com o Nunes e como você o vê como pessoa?

MR: É assim, pra vocês entenderem, quando o professor Nunes veio pra, assumiu a direção da escola, a primeira coisa que ele fez foi querer me dispensar, porque o meu cargo era um cargo de confiança e ele quis colocar alguém da confiança dele. Porque eu

era conhecida como leão de chácara da ECA, aquela coisa toda. É o que eu digo né, quer dizer, conheço a vida perversa de todo mundo então às vezes você é meio incômodo né. Não que eu fique falando disso pras pessoas. Então ele não me queria lá, até que um dia ele me chamou não sei pra que, era bem no comecinho, e na sala dele tinha um professor da Faculdade de Filosofia também, do Departamento de Matemática, que tinha sido meu professor no Colégio Visconde de Porto Seguro. E esse professor me reconheceu “*Oi, Marina e tal*”. Aí o professor Nunes falou “*Você estudou no Porto Seguro?*”, eu falei “*Estudei*”, “*Eu fui professor de lá também*”. Então aquele gelo, aquela coisa de querer mandar embora de repente se quebrou porque ele percebeu que eu não tinha sido colocada ali por forças, sei lá, políticas ou de esquerda, qualquer coisa assim.

Então desenvolveu-se uma relação de confiança por um fato muito simples. Nunca tivemos assim uma amizade muito próxima porque ele era uma pessoa reservada, mas ele sempre me chamava pra testemunhar conversas que ele tinha com essas autoridades policiais. E eu sabia que ele ia, ele me avisava de manhã “*Olha, eu estou indo pro segundo exército, devo chegar aí na hora do almoço*”. Então na realidade eu sempre estou falando bem dele, porque eu acho que realmente a única pessoa que sabe como ele se conduziu, sou eu. Porque todo mundo achava que era ele sempre que provocava, que fez um monte de coisas né.